



Madeira, Beach of Funchal



H. P. 114 - Madeira, Funchal (praia), Engenho



Madeira, Funchal, Rua de João



ANUÁRIO

N.º 5 • 2013

ATIVIDADES SOCIO-POÉTICAS: O BOMBOTE, A MERGULHANÇA

CLÁUDIA FARIA
GRAÇA ALVES



ANUÁRIO 2013

CENTRO DE ESTUDOS DE HISTÓRIA DO ATLÂNTICO

ISSN: 1647-3949, FUNCHAL, MADEIRA (2013)

PP. 261 - 279

REGIÃO AUTÓNOMA DA MADEIRA

CLÁUDIA FARIA

CEHA

Cláudia Maria Ferreira Faria, natural de Santa Luzia, Funchal, nascida a 12 de Maio de 1971, professora de Inglês/ Alemão no ensino Secundário na Escola Básica do 2º e 3º Ciclo de S. Roque, Funchal, ilha da Madeira.

Tem o Bacharelato em Técnicas de Turismo (ISAL) e licenciatura em Línguas e Literaturas Modernas pela Universidade da Madeira (UMA). Frequentou o curso de mestrado em Cultura e Literatura Anglo-americanas (UMA) onde defendeu a tese intitulada *Phelps, Percursos de uma família britânica na Madeira de Oitocentos*, sob orientação do Professor Doutor João Adriano Ribeiro, trabalho que foi alvo de publicação em 2008 na coleção Funchal 500anos.

É doutoranda na Universidade Nova de Lisboa na especialidade de estudos culturais com o tema o *Diário de Mary Phelps (1839-1843): um retrato britânico da Ilha da Madeira*, sob orientação da Professora Doutora Maria Zulmira Castanheira.

Neste momento encontra-se destacada no Centro de Estudos de História do Atlântico (CEHA) e é membro do Centre for English, Translation and Anglo-Portuguese Studies (CETAPS) de Lisboa.

GRAÇA ALVES

CEHA

Graça Maria Nóbrega Alves é natural de S. Pedro, Funchal. Licenciada em Línguas e Literaturas Modernas, é professora do Ensino Secundário e tem estado, nos últimos anos, destacada no Centro de Estudos de História do Atlântico, onde tem participado em vários projetos .

É autora de alguns trabalhos na área da literatura – contos e romance. Assina alguns textos de catálogos de pintura e fotografia e uma coluna num jornal da Região.

Endereço eletrónico: gracaleonor@hotmail.com

RESUMO

À volta de (qualquer) porto, surgem, com alguma frequência, gentes que fazem, do mar e do movimento dos navios, a sua principal fonte de subsistência.

De entre as muitas atividades que se organizam à volta das chegadas e das partidas dos barcos que trazem o mundo à ilha, destacamos o bombote e a mergulhança, pela importância que tiveram na sobrevivência da gentes ribeirinhas e pela poesia que tais ofícios envolvem.

Neste texto, procuramos, então, descobrir de que forma bomboteiros e rapazes da mergulhança foram “escritos” por autores portugueses e estrangeiros que passaram pelo Porto do Funchal; comparar a sua atividade com os seus congéneres das Ilhas Canárias e que memória guardam os que ainda se lembram do tempo em que estes homens pegavam nas canoas e iam para o mar.

Palavras chave: porto, bombote, mergulhança, memória

ABSTRACT

It is common to see around port cities, people who have dedicated themselves to varied activities and who totally depend on the flowing of vessels and passengers to survive.

Among the many activities we have chosen to talk about the men who sell different articles on board of bumboats (bombote) and about the young boys who jumped into water to catch a coin (mergulhança) because of their importance to local economy and because of their magical and poetic imaginary.

In this paper we have tried to find out how these two maritime activities were described and registered by both Portuguese and foreign writers who have visited Funchal throughout the years; we have also established a comparison between what happened in Madeira and in the Canary Islands and finally we have tried to collect and share the memory people still have on these brave men who used to spend most of their lives at sea.

Key-Words: port, bumboats sellers, diving boys, memories.

Na memória coletiva da cidade do Funchal e nos segmentos de memórias que a literatura – portuguesa e estrangeira – foi fixando, há atividades ligadas à vida do porto que, ora são descritas como sinais da pobreza do povo ribeirinho que aproveitava o “Dia de São Vapor” para fazer negócio, ora como atividades pitorescas que, se por vezes encantam os visitantes, outras perturbam a sua paz.

Entre elas, destacamos o bombote e a mergulhança, referidas com frequência por muitos autores, entre finais do século XIX e os anos 70 do século XX.

Ao longo deste texto, abordaremos estas atividades de um outro modo, menos comum talvez, neste tipo de ensaio: os testemunhos de quem viveu o bombote – bomboteiros e filhos de bomboteiros; as memórias de quem, em tempos que já lá vão, mergulhou ou sonhou com a perícia dos rapazes que se misturavam com o mar.

NA LITERATURA PORTUGUESA:

a) Os bomboteiros [ou bamboteiros, como lhe chama o povo]

Para definir esta profissão, recorremo-nos da entrada de um dicionário de Dizeres da Madeira, de 1950, que diz assim: *Assim se chama na Madeira ao indivíduo que vai a bordo dos vapores que visitam o porto do Funchal, a fim de vender bordados, bilhetes postais e vários objectos produzidos ou fabricados na Ilha.*¹ Interessante é que esta entrada é acompanhada das seguintes notas: alínea a) Do inglês BUMBOAT e alínea b) E. M. (sigla que significa, Elucidário Madeirense, edição de 1922). Numa das suas *Crónicas da Beira-Mar*, Victor Caires² adianta outros pormenores:

Os bomboteiros eram uma espécie de vendedores ambulantes ou, mais precisamente, flutuantes, que, em velozes embarcações a remos – as suas canoas – exibiam um pouco de tudo o que se fabricava na ilha, susceptível de interessar aos passageiros em trânsito na Madeira, desde os turistas até, também, aos tripulantes dos navios: bordados, obras de vimes – desde os cestos às grandes cadeiras – bonecas com traje típico e barretes de vilão ou “pencas” de banana, Vinho Madeira (conhecido por vinho tratado) apregoado como Old Madeira Wine, até às bem executadas caixas de madeira com embutidos, à mistura com impressionantes miniaturas de carros de bois, pequenos barris, barcos de pesca e chalupas, havia um pouco de tudo nas canoas dos vendedores flutuantes.

(CAIRES, 2008: 49)

Num registo quase cinematográfico, o autor refere-se aos *dias de vento fresco e ondulação*, em que estes homens se equilibravam no “leito” da proa das canoas (...) *exibindo grandes toalhas bordadas (“hand made embroideries”, conforme lembravam) ou avantajadas cadeiras de vime, com referência “Madeira 1950”, ou outra data, conforme o ano que decorria* (CAIRES, 2008: 49).

Narra, ainda, a forma como as mercadorias eram içadas nos navios, chama-lhe “curiosa”, na medida em que implicava grande perícia. Diz o autor:

Bastante curiosa era também a maneira da mercadoria chegar até aos clientes, através de cabos “vai-vem”, lançados com perícia pelos bomboteiros e que acertavam no local, a amurada do navio, onde se encontravam os compradores, por vezes a dez ou mais metros acima da zona

desenho, desportista náutico e, entre muitas outras atividades na sua maioria ligadas ao mar, colaborou em diversos órgãos da imprensa regional e nas revistas *Margem* e *Islenha*, com artigos e trabalhos sobre temas náuticos e ligados às gentes do mar.

1 SOUSA, Luís, 1950, *Dizeres da Ilha da Madeira*, Casa Figueira.

2 Victor Moreira Caires nasceu no Funchal, em 1937. Foi técnico de

do mar, onde se encontravam os bomboteiros.
(CAIRES, 2008: 50)

Esta atividade será (d)escrita por autores como João Augusto Martins, com algum enfado. Aos bomboteiros chama *vendilhões* e «pés descalços», acusando-os de importunar os passageiros, com o tom desagradável da sua voz, com a exorbitância dos preços que começam por pedir, com a linguagem de taberna que utilizam, segundo este autor :

o vapor é cercado por uma multidão de pequenos botes, pitorescamente carregados de frutas, obras de talha e de vimes, flores de penas, bordados e mil outros produtos da indústria local, capitaneados todos por vendilhões muito semelhantes aos seus congéneres italianos, e que num berreiro infernal, invadem a escada, trepam pelo costado e pelas amarras e afrontam os passageiros, começando por pedir preços fabulosos pelos seus produtos, usando duma linguagem rouquenha de taberna e da gíria ordinária e insólita de verdadeiros «pés descalços», como lhes chamam.

(NEPOMUCENO, 2008)

Maria Lamas, por outro lado, ao relacionar o movimento da cidade com o movimento do porto, exatamente como outros autores o tinham feito , refere-se à *bombota*, como uma modalidade de venda ambulante de bordados e objectos regionais muito curiosa e típica. (LAMAS, 1956:357).

Num parágrafo cheio de vozes e de animação, numa construção que representa o bulício destes dias, acompanhamos a animação, ouvimos a gritaria, imaginamos os argumentos para a venda dos produtos:

Os bomboteiros levam a mercadoria em botes até junto dos vapores fundeados. Alguns vão mesmo a bordo, onde fazem a exposição dos seus artigos; outros ficam nas pequenas embarcações e dali procuram convencer os passageiros, oferecendo-lhes o que têm para vender, num palavreado confuso, em que há frases ou termos ingleses à mistura com uma espécie de dialecto, de pronuncia incompreensível para os próprios madeirenses que não estejam habituados ao seu acento. Mas a principal e mais expressiva linguagem é a mímica. O que é certo é que o número de bomboteiros é muito elevado.

E lá vão fazendo o seu negócio... Para eles, o mau tempo que tira aos viajantes o ânimo para desembarcar é a sua boa sorte.

(LAMAS, 1956:357)

Uma das imagens emblemáticas da cidade é, pois, esta profusão de barquinhos à volta dos barcos que, na ausência de um cais com condições para atracar, fundeavam ao largo:

O paquete já se encontrava cercado pelas canoas dos “bomboteiros”. Umas, carregadas de artefactos de verga, cadeirões, mesas e cestos que os homens da Camacha e até mesmo, ali, no Funchal, entranchavam, dia e noite, em conquista de um pão sempre difícil. Outras luziam o esforço das mulheres indígenas: bordados que falavam de arte anónima e paciente, de vida precária transformada em subtilezas delicadezas.

(CASTRO, 1977:34)

Cabral do Nascimento insere na sua Antologia de *Lugares Selectos da Ilha da Madeira*, algumas descrições desta atividade. É o caso de um excerto do livro de Julião Quintinha, *África Misteriosa* (1931) que nos apresenta ainda outros profissionais que cercam o navio – os barqueiros que hão-de levar os passageiros a terra:

Logo que o paquete lançou ferro, uma verdadeira chusma de botes vem ao seu encontro, enquanto barqueiros disputam, em alarido, passageiros para conduzir a terra. (...) Mas os bomboteiros lá estão, nas suas canoas coloridas, a temperar o sossego da cidade: § Junto ao paquete, em seu redor, blançam-se uma pequena povoação flutuante de botes listados a verde e amarelo, donde se gesticula e grita para os passageiros. E vêm chegando, sempre, mais botes, uns carregados com pequenas mobílias de verga, ainda outros com caixas de bordados, colares de âmbar, madrepérola e coral – todas essas graciosas embarcações, quais delicadas quermesses de cor, a ondular flutuantes na baía azul.

(NASCIMENTO, 1949: 159, 160)

Hugo Rocha também fala deles, no seu texto, *Maravilhas das Ilhas Adjacentes* (1942), citado por Cabral do Nascimento.

O mar, entre o casco do vapor e a orla da cidade,

é uma safira em brasa. Vogam barcos e barquinhos, lanchas da capitania, vastas embarcações do porto onde o porão do Lima vai vazando toneladas sobre toneladas de carga.(...) A poucas braças do nosso, fundeia um vapor inglês, que vem do Cabo. É outro alvoroço que se gera. Mais homens que se acercam, em barcos, na mira de vender a mercadoria clássica deste porto de encantamento. § Enquanto espero que o gasolina vogue em direcção ao cais, lembro a ansiedade da véspera, quando a proximidade da Madeira inqueitava, deliciosamente, todos os viajantes.

(NASCIMENTO, 1949:238,239)

Atente-se à pluralidade de expressões indicativas das embarcações que cercam o Lima: barcos, barquinhos, lanchas, embarcações, vapor, gasolina. O alvoroço dos bomboteiros, porém, acontece quando fundeia o vapor inglês. São os inevitáveis turistas que enchem a cidade e que a animam:

Mar suavíssimo, propício a desembarques. No cais – são oito e meia da manhã – aqueles, apenas, que a chegada do vapor ocupa. Do barco inglês vêm, por seu turno, os inevitáveis turistas. E a cidade enche-se, depressa. Depressa, também, a vida própria se reanima.

(NASCIMENTO, 1949:238,239)

Brito Camacho, outro autor citado nesta antologia, refere o outro lado do negócio, o que se fazia dentro do navio, certamente com a autorização do comandante:

Improvisa-se a bordo um mercado de produtos da indústria madeirense, as suas rendas, os seus bordados, as mesas de trabalho de verga, as suas cadeiras-leitos, de madeira e pano, ou simplesmente de verga, singularmente cómodas para as quebreiras de bordo. Todos compram bilhetes-postais ilustrados, não achando exagerado que por eles peçam dois tostões.

(NASCIMENTO, 1949:82)

Estes homens fazem parte do cenário do ambiente do Funchal. A ilha entra nos navios para oferecer o que tem. A publicação da Empresa Insulana de Navegação, *Um Cruzeiro à Madeira e aos Açores*, abre praticamente com a referência a estes homens que transportam a ilha para os navios:

Outros trepam para o convés, que transfor-

ma em breve numa feira de objectos coloridos e vistosos: flores, frutos, bordados, corais, tudo apresentado em grande vozeria na toada cantante da ilha, que por vezes é difícil de compreender.

(CAIRES, 2008: 49.)

Num outro registo, o da ficção, ouvimos, na primeira pessoa, o testemunho de um desses “vendilhões”³:

- Encarrego-me da venda dui bordados dentro dui navios. O primeiro barco a passar pelo porto é o Arlanza depois de amanhã, terça-feira. § O senhor que apronte uma remessa de tudo o que tiver na casa no valor de vinte contos. Os ingleses e os alemães são bons fregueses. Vua fazer o impossível por despachar os artigos mais caros: tem muita procura as toalhas arrendadas e de cores. Vua falar ao Julinho para ele me alugar uma canoa das novas, com riscas azuis e brancas. Faz outra vista ir para bordo em canoa bem pintada.

(GOUVEIA, 1959:153.)

Neste trecho, algumas informações podem revelar-se interessantes: os bons clientes –os que têm a capacidade para comprar os produtos mais caros eram os ingleses e os alemães; os bordados mais procurados, a importância da forma como estes comerciantes se apresentavam, o cuidado com as canoas – próprias ou alugadas. No mesmo romance, conseguimos perceber a dinâmica do trabalho, as movimentações, os gestos dentro e fora do barco:

A canoa cintada de cores vivas jazia em frente da ponte de S. Lázaro. Um tal Crispim; de 20 anos, era o remador de confiança dele. Devidamente empacotados todos os artigos se arrumavam no fundo da canoa. Uma cobertura de oleado preto resguardava dos pingos de água salgada a carga preciosa. § Elias, havia semana de ir a casa duas e mais vezes fornecer-se de mercadoria. Metia-se Elias dentro da lancha que tinha a proa na babugem do mar. Crispim, mangas da camisa arregaçadas, encurvava o tronco, empurrava o barquito e numa manobra ligeira saltava para ele e segurava os remos. A quilha rasgava a água e, em menos de dez minutos, Elias subia a escada do paquete. Desembruilhava os maços de bordados e alcatifava

³ Expressão usada por Ferreira de Castro in *Eternidade*, 1977, p. 34: *E à frente do cortejo de vendilhões, movimento, rumor e alegria....*

certos desvãos do tombadilho da 1ª classe, com formosas toalhas de caprichosos arabescos, nos quais há vivência de inspiração provinda do estilo gótico.

(GOUVEIA, 1959:153.)

Nesta obra de bordados e de bordadeiras, o narrador descreve as reações das clientes, de uma forma que não encontramos em muitos textos:

(...) E dos camarotes saíam misses de loiro cabelo e olhos garços. Suspendiam os olhos na pulcritude das toalhas, dos lenços, das camisas. E detinham-se as misses, no encanto do que viam. Norueguesas, alemãs, americanas, toda a população cosmopolita da pequena urbe fluante, passarinhava pelo déque, numa garrulice de viveiro de pintassilgos. E paravam estas e aquelas, quando os olhos eram atraídos por fina toalha bordada. § Elias, dominando o inglês e o alemão com o mesmo à-vontade com que discutia o jogo da bola, vendia por preço compensador o trabalho da Casa Freitas. § Tornava-se insinuante para o estrangeiro e de tal modo que, de uma vez, uma dinamarquesa quarentona se apaixonou por ele e o quis levar para Copenhague. Disse-lhe ela que nunca vira tipo de homem mediterrâneo daquele talhe e de olhos tão cheios de bruxedo. E não foi apenas uma viagem que fez a dinamarquesa por águas da Madeira fascinada pelo vulto do “bomboteiro” da Rua de Santa Maria. (...)

(CASTRO, 1977: 34)

Esta rua ribeirinha talvez seja uma das sedes destes homens que viviam do porto e do movimento dos barcos. Ali se vivia, se convivia, ali guardava a mercadoria, ali se bordava, dali se vigiava o porto.

Era a rua dos homens do mar. Era uma das ruas fundamentais para a construção da identidade humana da cidade, sobretudo nos anos 40 e 50 do século XX, tempo em que se desenrolam as histórias de João Carlos Abreu, algumas das quais vivenciadas na primeira pessoa, como se de memórias se tratasse:

Os bomboteiros eram comerciantes natos. Nos dias dos barcos, juntavam-se nas tascas e deliciavam-se com ovas de espada e outros petiscos bem condimentados. § Após o repasto, enchiam as canoas de toalhas, “naperons”, bolsas de flanela preta bordadas com flores, carros de bois e figuras naïf em cores berrantes, chapéus de

palha, caixas de embutidos, vimes e outros artigos. Depois, empurravam as canoas pelo calhau abaixo. § (...) Os barcos ficavam ao largo. Os bomboteiros aproximavam-se e estendiam uns atilhos desde a proa à popa das canoas, onde dependuravam os artigos. Os passageiros debruçavam-se das amuradas e escolhiam o que mais lhe agradava. § Em permanente desequilíbrio, devido às ondas, e com grande perícia, o bomboteiro atirava uma guita, com nós para a amurada. O passageiro apanhava a guita e segurava a ponta. O bomboteiro amarrava o artigo na outra ponta e fazia-lhe sinal para puxar. Por vezes, o cliente não gostava da toalha ou da bolsa. O bomboteiro insistia e mandava uma diferente. Em regra, discutiam os preços acaloradamente. Por fim, baixavam sempre um ou dois pennies.

(ABREU, 1996:80-81)

Neste excerto – como aliás no livro inteiro -, participamos do quotidiano da rua, entramos na tasca e provamos os petiscos, ficamos a olhar para as cores dos objetos e registamos, embalados, o barulho que as canoas fazem a rolar, calhau abaixo, até ao mar.

Na ação narrada este excerto, é a perícia, a qualidade destes comerciantes sublinhada com maior intensidade – no desequilíbrio da canoa, o içar da corda que transporta os produtos, a ligação entre a canoa e o navio, entre o vendedor e o cliente, entre a ilha e o resto do mundo.

Há um certo lirismo na forma como esta profissão é apresentada pelos autores que lemos: um misto entre poesia e pobreza, um encanto que se cruza com memórias de infância, de homens que comunicavam com os ingleses, que se entendiam com eles, que traziam para casa “coisas” que não havia aqui: bebidas, pães de leite, objetos sem serventia....

No nosso imaginário, os bomboteiros conheciam muito bem a geografia do mundo, conheciam os países donde vinham os “ingleses” que lhes compravam os produtos, conheciam as moedas das outras gentes, aprendiam com eles que o sonho e o mundo eram muito maiores do que a ilha.

Um texto do Doutor Alberto Vieira, chama a atenção para uma atividade paralela, diretamente relacionada com o bombote, o pequeno contraban-

do⁴. Efetivamente, esta é uma ideia que guardamos da infância, de “coisas” embrulhadas nas toalhas que não se vendiam nos navios, de caixas misturadas com os vimes que desciam pelas cordas que transportavam as cadeiras de vimes, de maços de tabaco de marcas estrangeiras. Revisitámos estas memórias num texto de Ricardo França Jardim, *Uma Janela sobre o mar*:

Na casa dos meus tios, havia uma toalha de mesa em excelente cambráia inglesa, estampada a todo o comprimento: “Union Castle Line”. E fartei-me de encontrar noutras famílias livres de qualquer suspeita talheres, copos, pratos, guardanapos e até sabonetes de alfazema com a mesma marca. Aqui intervinha a laboriosa classe dos bomboteiros, intrépidos comerciantes que desafiavam o mar e as autoridades em barcos a remos carregados, até aos paquetes fundeados ao largo, para mercar bordados, bananas e vinho contra tabaco, Whisky, cosméticos, meias de nylon sem costura e tudo o mais que atrás se viu. Mercadorias posteriormente vendidas porta a porta por estes contrabandistas encartados. Periodicamente, impunham-se medidas moralizadoras, em faz-de-conta, para dar o exemplo e comer as papas na cabeça aos senhores doutores lisboetas da alfândega. Já chegamos à Madeira, ó que? Uma vez o senhor Abelhinha, que fornecia os cigarros Chesterfield sem filtro ao meu pai, passou seis meses no chilindró. Um descanso, senhor doutor, desasbafou à saída, o meu patrão, um senhor cabo da guarda fiscal, foi um gajo porreiro, pagou-me um ordenado durante o tempo que estive preso.

(AAVV, coord. SANTOS, 2008:44)

Neste excerto, contado como se de uma memória se tratasse, cumpre-nos sublinhar alguns dados que nos ajudam a perceber alguns aspetos deste *métier*:

1. o “conluio” entre os bomboteiros e a tripulação: só assim se consegue explicar a presença de toalhas, talheres e afins com a marca da empresa de navegação;

2. a capacidade [leia-se “esperteza” ou “saber de experiência feito”] destes homens de desafiar o mar e as autoridades;
3. os produtos da troca [direta, sublinhada pela preposição “contra”]: de um lado, bordados, bananas, vinho; de outro, produtos de luxo – Whisky, cosméticos, meias de nylon sem costura;
4. a venda “porta a porta”, prova de que estas mercadorias não eram utilizadas pelos próprios ou pelas famílias que necessitavam do produto dessas vendas para ajudar na subsistência;
5. a existência daquilo que o autor chamou *medidas moralizadoras em faz-de-conta*: era preciso ludibriar os *senhores doutores lisboetas da alfândega*. O exemplo do senhor Abelhinha é muito claro: seis meses de prisão [ou de férias – *um descanso, senhor doutor*], com ordenado pago por um cabo da guarda fiscal. Haverá aqui um indício de algum envolvimento das autoridades? Como se explicam alguns sinais de riqueza que alguns guardas-fiscais exibiam, nos anos sessenta e setenta?

Regressamos ao estudo do Doutor Alberto Vieira para enquadrarmos esta atividade na vida do porto do Funchal. O autor traça sinteticamente a sua história, referindo-se ao vice-cônsul inglês, Robert Cock que, já no século XVIII se queixava da insistência desses homens que perturbavam os marinheiros, apresenta dados relativos aos produtos que eram vendidos, à regulação da sua venda – decreto n.º 17790, de 1929, apresentando, mesmo, um quadro com o registo das licenças de bombote da Alfândega do Funchal, entre 1956 e 1980⁵.

E diz mais: *Semelhante actividade existia no porto de Las Palmas, sendo conhecida como cambullón, que segundo os estudiosos do arquipélago vizinho, a origem etimológica da palavra é portuguesa e terá chegado aí a partir da Madeira*.⁶

Fomos à procura. Afinal, aquilo que nos parecia apenas nosso, não o era. Afinal, em outras ilhas, há bomboteiros, também. Uma breve pesquisa na internet – sem qualquer preocupação científica – permite-nos concluir que se trata precisamente da mesma atividade:

4 O bombote era uma actividade onde se misturava o pequeno comércio e o contrabando, sendo feita por pequenos barcos usados para a condução dos passageiros a bordo dos navios ancorados na baía do Funchal. in VIEIRA, Alberto, *História da Cidade do Funchal. A Economia de uma Cidade Portuária*, p. 34. Ver também VIEIRA, Alberto, 2012, *A Madeira e o Contrabando no Espaço Atlântico*, Anuário 2012, CEHA, Funchal, pp. 9 – 65.

5 Cf. VIEIRA, Alberto, *História da Cidade do Funchal. A Economia de uma Cidade Portuária*, p. 35.

6 Idem, ibidem.

El de cambullonero es uno de los oficios con más leyenda de la historia reciente de Canarias. Eran vendedores/intercambiadores que subían a bordo de los buques que hacían escala en Canarias, que adquirían su mercancía, para luego vender en tierra, por el trueque o compra a tripulantes de los barcos fondeados en los puertos isleños (en especial los de Santa Cruz de Tenerife y de La Luz en Las Palmas de Gran Canaria). Nada más llegar a puerto, se acercaban con sus barcas y subían a bordo para intercambiar loros, pájaros, perros de presa, mantelería calada, bordados, tabaco, bebidas alcohólicas y fruta, por alimentos, café, herramientas, medicamentos, ... Aunque su actividad se había iniciado a finales del siglo XIX, desempeñaron un importante papel en la época de subsistencia después de la Guerra Civil. Por Canarias -puente entre Europa y América- pasaban barcos de muchos países, y el cambullonero era el intermediario imprescindible entre la bodega de los barcos y la demanda del mercado local. Los cambulloneros, que actuaban al margen de la legalidad, vivían en ocasiones situaciones conflictivas y peligrosas. A pesar de esto, por la propia estructura de puerto franco y por que se hacía la vista gorda (o luego se ponía la mano), los cambulloneros realizaban su actividad y obtenían grandes beneficios.⁷

Segundo a mesma fonte, a expressão “cambullon” viria da expressão inglesa “come buy on” – “vem comprar”. No Dicionário da Real Academia Española, “Cambullon” é definido como *enrede, cambalache de mal genero, cosas hechas con malicia*. Para estes comerciantes, tudo valia para divulgar e vender os produtos. Tanto na Madeira como em Canárias, sabia-se que o que não era conseguido por um “cambullonero” ou por um “bamboteiro” era porque não existia no mercado.

O excerto de Ricardo França Jardim, acima referido e citado, apresenta-se completamente de acordo com aquilo que se passava no arquipélago canário, nomeadamente no Puerto de la Luz, em Grã Canaria. Apesar de não caber no âmbito deste trabalho, parece-nos interessante referir que não encontramos muitos relatos desta atividade em português.

Encontrámos fotografias antigas, excertos de alguns autores que referiram esta profissão, o nome de um bar na zona velha, algumas definições, mas nada de significativo. A entrada “cambullonero”, porém, abre-nos uma série de informações que nos permitem a comparação com o que os mais velhos contam ou com aquilo que guardámos de uma infância perto do mar.

Um ofício portuário, portanto. Um pouco à margem da legalidade, talvez. Tal como se pode inferir do texto que nos serviu de base, haveria alguma corrupção no porto, manifestada (sobretudo) na tolerância com respeito a esta atividade. O mesmo se passava em Canárias.⁸ Conforme se pode ler numa notícia publicada a 1 de dezembro de 2007, a própria estrutura de porto franco permitia estas atividades.

No caso das Canárias, as primeiras referências a esta atividade remontam a 1842, quando estes comerciantes eram obrigados a ter um cartão de identidade e listas com os preços dos produtos em vários idiomas. Aqui, a identificação só foi obrigatória mais tarde, em 1929.

Em Puerto de la Luz como no Funchal, estes homens organizavam-se em “companhas” [o mesmo nome para uma espécie de cooperativa, de agremiação dos homens do mar], constituídos pelo dono do bote – que tinha autorização para ir a bordo, os vendedores e os miúdos encarregados do cuidado da canoa que – tanto cá como lá – tinham outras funções.

Nos dois portos, a época dourada desta atividade também coincidiu – o período pós-guerra. Os bomboteiros eram, nos dois arquipélagos, intermediários fundamentais entre os barcos e o mercado local.

Puerto de la Luz não é o único porto onde estes homens operam. Em Santa Cruz de Tenerife também:

Luego nos van rodeando barcas con frutas, baratijas, articulos de todo typo y, seguidamente, nos asalta un ejército de guías, hosteleros, vendedores, barqueros, porteadores.... Nos resulta muy difícil mantener la calma y proteger nuestras pertenencias.

(MASCART, 2003: 37)

Um velho ofício destes portos atlânticos e

⁷ <http://caco-lasandunga.blogspot.pt/2010/04/cambulloneros.html>, post de 29 de abril de 2010, consulta de 1 de fevereiro de 2012.

⁸ <http://www.revistatara.com/> 01/12/2007 - consulta de 19 de outubro de 2012.

doutros portos também. Um ofício socio-poético, representado num monumento nos jardins do Castillo de la Luz, obra do escultor Luis Alemán Montull.

Regressamos agora ao porto do Funchal:

Depois dos navios, na sua quase totalidade, passarem a atracar no molhe da Pontinha, os bomboteiros cessaram as suas actividades sobre as ondas, e os seus sobreviventes, lá vão resisitindo às intempéries dos negócios, “fundeados” nos pequenos bazares de artefactos que lhes foram facultados no Porto do Funchal, em pavilhão multiserviços, na zona onde atracam os “vapores” que actualmente escalam a Madeira. § Os bomboteVapor”, estão actualmente fundeados em terra, e aguardam que cheguem até eles, os turistas e outros fregueses em “Dia de São cliente”

(CAIRES, 2008: 50.)

Com as obras do porto – que serão objeto de análise em alguns textos literários – este ofício mudou de endereço. As canoas foram arrumadas. Agora os bomboteiros ficam à espera. Em terra.

Hoje, o bomboteiro faz outras viagens, ginga outros passos, percorre outras ladeiras, as da memória. Um pouco em jeito de homenagem, transcrevemos na íntegra um poema de Carlos Fino.

*o bomboteiro vem a bordo
traz a ilha nos dedos*

*só não sabe bem que memória varou o casco
e porque sobe agora as ladeiras com espuma
nos olhos
só o outono invoca os dias longos dos paquetes*

*já não regressa
ginga os passos ao sabor das nuvens e sonha
o bomboteiro*

(FINO, 1986: 15)

A literatura contemporânea já pouco fala deles ou de outras personagens que povoavam o mar.

b) A Mergulhança

*Ó Cesário, pudesse tu voltar
e deste cais onde não há varinas
ver os garotos na água a implorar
(sir, one penny) o oiro das neblinas⁹*

Estes. Os garotos da mergulhança¹⁰. Os que se jogavam ao mar para recolher as moedas que os passageiros atiravam da amurada dos navios ou, mais tarde, da varanda do cais.

A explicação desta prática, ou ofício, ou arte aparece-nos no texto desta Crónica com algum detalhe. Estas personagens do mar – *rapazes- peixes* [o Visconde de Ervedal da Beira já lhes tinha chamado *peixes humanos*] são associados à agilidade, à coragem, à força:

Ágeis a mergulhar, esses rapazes – peixes regressavam às canoas através de impulso, dentro de água, saltando do mar para as embarcações sem, praticamente, qualquer ajuda. Parecia não haver intempéries para o pessoal da mergulhança em dia de São Vapor. § Possuidores de rija têmpera, activos e altivos, tanto solicitavam “um reboque” até terra, como, delicadamente, recusavam qualquer ajuda, quando a facultávamos, alegando que preferiam remar até ao calhau, para “aquecerem”.

(CAIRES, 2008: 55)

A prática da “mergulhança” no cais constitui outra das visões emblemáticas gravadas na memória colectiva do Funchal, e amplamente retratada pela literatura, afirmam Ana Isabel Moniz e Thierry Proença dos Santos¹¹, no ensaio, *O Funchal na narrativa*

9 Quadra de Carlos de Oliveira, em nota de rodapé: AAVV, sel. MOUTINHO, José Viale, 2003, *Saudades da Ilha, Evocações poéticas da Ilha da Madeira*, p. 46.

10 *A mergulhança era uma prática de mergulho entre os jovens e marinheiros do calhau, que através de acrobacias na água aliciavam os passageiros a deitar alguma moeda. A actividade é muito antiga e está registada pela literatura de visitantes, como se poderá registar no testemunho de Isabella de França. Esta actividade foi regulamentada em 1953 pela capitania do porto do Funchal, devendo os seus praticantes ter de idade de 14 a 20 anos e serem possuidores de uma licença, devendo apresentar-se em calção de banho. In VIEIRA, Alberto, *História da Cidade do Funchal. A Economia de uma Cidade Portuária*, p. 34.*

11 AAVV, 2011, *Funchal (d) escrito, Ensaio sobre representações literárias da cidade*, 7 dias, 6 noites, p. 33.

literária e na crónica.

Dizem-nos ainda que esta é *uma prática ainda existente em portos de ilhas periféricas e pobres*. De Tenerife, chega-nos também a notícia de um prática semelhante:

Llegamos a Santa Cruz (...) el barco se ve rodeado por un enjambre de barcas de los isleños: se tiran al agua vestidos con un simples calzón, gesticulan y se empujan, gritan, se insultan, hace todo o el ruido posible para conseguir que los viajeros les echen monedas que, con una zambullida infalible, recogen unos metros debajo de la superficie.

(MASCART, 2003:37)

Ora descritos como parte do pitoresco da chegada ao Funchal - ora como elementos perturbadores da paisagem¹², a presença destes rapazes é assinalada, com alguma frequência, na literatura portuguesa.

Entre os textos que analisámos, a referência mais antiga a estes *pequenos mergulhadores de doze a quinze anos de idade, e em trajes primitivos quasi, pedindo-lhes atirassem dinheiro á água que eles lá o iriam tirar*¹³ encontrámo-la em *Narrativas Insulanas*. O autor descreve a forma como estes rapazes mergulhavam e nadavam à procura das moedas que lhes eram atiradas do navio. Chama-lhes *peixes humanos* e observa-lhes o gesto, a técnica, a coragem:

Parece incrível a destreza e pericia com que estes peixes humanos iam rapidamente arrancar no fundo do mar a pequena moeda de cobre que ali se lhes atirava; muitos passageiros fizeram a experiencia, e nem uma só vez falhou; atiravam-se os rapazes de cabeça abaixo, e pouco depois apareciam ao lume d'agua triumpantes, trazendo segura nos dentes a prova da sua façanha; se a moeda era de prata, n'esse caso o trabalho era mais difficil e extraordinario, então atravessavam o navio de mergulho, saltando do lado opposto victoriosos e contentes, e contudo o mar ali era profundo, e tanto que não obstante a transparencia da agua, não

deixava ver a profundidade.

(BEIRA, 1894: 18)

Victor Caires escreve sobre a mestria com que mergulham e apanham as moedas – brancas, porque as pretas não interessam, porque além de serem de baixo valor são mais difíceis de apanhar na queda para o fundo do mar:

Não terá mais de dez anos o garoto, tal como os outros seus colegas. Contudo, possui já a mestria de um dominador dos segredos e manhas de uma pequena moeda caída na água após um raid vertiginoso entre a amurada do navio e a superfície do mar. O treino diário dar-lhe-ia a força de um golpe de vista incomum e uma agilidade graciosa de golfinho.

(CAIRES, 2008: 55)

Brito Camacho, na obra de 1923, *A caminho de África*, também fala destes *rapazolas*, descrevendo-os, louvando-lhes as capacidades, o seu *virtuosismo natatório*:

Passageiros debruçados na amurada, do lado da terra, atiram à água, muito transparente, algumas pequenas moedas que trazem, este um vintém, aquele um pataco, e logo um rapazola mergulha ágil como um golfinho, apanhando-a com a mão e entalando-a nos dedos do pé, o tronco nu e uma calça bastante teórica cobrindo-o da cintura para baixo.

(NASCIMENTO, 1949: 82)

Sabemos hoje que esta prática que o autor considera ser *uma das velhas tradições da Madeira*, pode ser associada a muitos portos, nomeadamente insulares.

Ao longo do século XX, os autores continuam a dedicar-lhes alguma atenção: Ferreira de Castro transforma-os em personagens de um espetáculo preparado para os dias do Vapor:

E à frente do cortejo de vendilhões, movimento, rumor e alegria da baía, corpos que deviam andar na escola e outros que já teriam saído dos quarteis, expunham a sua destreza de mergulhadores: § -Patrãozinho! Patrãozinho! § Se o solicitado atirava a moeda desejada, logo eles se lançavam à água e iam a três, quatro ou mais metros de profundidade capturar a rodela, que marchava, rapidamente, para o fundo. Presa a

12 Depois de duas viagens à Madeira, em 1924 e 1934, Oldemiro César também se referiu a esta atividade, integra esta prática na lista das primeiras impressões desagradáveis, depois do encantamento da aproximação do navio, por esta ordem: letrados em inglês, pedincha e mergulhança: CÉSAR, Oldemiro, 1944, *Terras de Maravilha*, Lisboa, p. 37.

13 BEIRA, Visconde de Ervedal da, 1894, *Narrativas Insulanas*, Modesto e Companhia, p. 18.

fugitiva, alçavam-se de novo à canoa e, de tanga a desenhar-lhes o sexo, volviam a oferecer os seus arrojos e as suas graças. Havia os que mergulhavam à direita e, por fundo que descesse a quilha do transatlântico, iam emergir à esquerda; mas o trabalho, por ser de maior risco, exigia prévio ajuste, regateado com o curioso lá de cima.

(CASTRO, 1977: 34)

Neste trecho, assiste-se a um circo: o cortejo, o barulho, a exibição, a repetição, o jogo. Note-se a lista de nomes que caracterizam esta *mise-en-scène*: movimento, rumor, alegria, destreza, arrojos, graças. Note-se, ainda, o risco que este exercício comportava: o mergulho, a proeza subaquática de atravessar o barco em toda a sua largura, a força e o o fôlego que se adivinham neste movimento.

Por vezes, mediante autorização de bordo e acerto de preços, o mergulhador apresentava um espectáculo extra atirando-se do ponto mais alto da casaria do navio para o mar, ou atravessando os grandes navios, por debaixo da água, mergulhando num lado e saindo no bordo oposto.

(CAIRES, 2008: 55-56)

João França retomará esta temática no conto “Lito e a mergulhança” e trará um outro aporte para a compreensão desta prática. No conto citado por Ana Isabel Moniz e Thierry dos Santos¹⁴, Lito – o fantástico garoto da mergulhança – salta da canoa atrás da moeda, volta à tona, mostra a moeda ao turista que a atirou e reentra na canoa ajudado pelo patrão adulto. Ainda não tínhamos percebido a existência desta nova personagem. Efetivamente, quando os navios ainda não atracavam no porto, no cais ou na Pontinha, era óbvio de que seriam passageiros das canoas [dos bomboteiros, pensávamos nós]. De acordo com João França, numa outra obra constituída mormente por crónicas, pode ler-se que (...) o garoto mergulhador ergue o seu grito de atenção para a sua presença. Está pronto para o mergulho de caçada à moeda: de pé, sobre os ombros do seu contratador adulto (os adultos estão proibidos de mergulhar, pois não teria graça nenhuma), num equilíbrio oscilante, conforme o balanço da canoa em que parece ter nascido (FRANÇA, 1979: 58-59).

Não obstante esta graça, encontrámos esta atividade muito ligada à pobreza das gentes que viviam do porto e daquela vizinhança com o mar, como definiu Nelson Veríssimo, no seu conto *O Santo e a Vizinha*¹⁵, referindo-se ao encanto da cidade do Funchal. Estes rapazes vivem um pouco à margem da sociedade, são pobres, têm vidas difíceis. José Agostinho Baptista evoca estes rapazes que *mergulhavam junto aos cascos dos transatlânticos – money, money para os pais esquecidos numa taberna do litoral*. (BAPTISTA, 2000:562).

Quem atira a moeda, não conhece certamente os problemas e as fomes destes meninos. *Essa moeda fugidia, junto de algumas outras iguais, agarrada à força do fôlego e precisão de movimentos, chama-se pão de algumas famílias do Bairro de Santa Maria Maior, ali à beirinha da praia do Almirante Reis* (FRANÇA, 1979: 58-59). Não concordamos, porém, com o autor quando diz que *Isso, porém, não vê nem talvez adivinhe o divertido turista. Julgará ser aquilo uma simples brincadeira de rapazinhos* (FRANÇA, 1979: 58-59). É demasiado óbvia a pobreza.

Esta atividade era tão importante no porto do Funchal – talvez que pela importância socio-económica que a revestia – houve necessidade de a regular. Victor Caires explica-o:

Um edital da Capitania do Funchal, publicado em Abril de 1953, regulamentou a actividade conhecida por “mergulhança” no Porto do Funchal, ficando restrita a rapazes com idades entre os 14 e os 20 anos, sujeitos a inspecções médicas anuais. Para renovação das licenças de mergulhança, tinham de fazer um requerimento “escrito pelo próprio” e acompanhado de um documento confirmado por um cabo do mar, em serviço no Funchal, que garantia que “o requerente sabia nadar bem”. Quanto ao equipamento, a partir de 1953, passava a ser obrigatório calção proprio para banho “decente e em bom estado”, de cor preta ou azul escura, com um número em branco, numa das pernas, referente à licença da mergulhança. § O mesmo regulamento frisava que nenhum indivíduo do sexo feminino poderia executar essa actividade marítima.

(CAIRES, 2008: 55-56)

14 AAVV, 2011, *Funchal (d) escrito, Ensaios sobre representações literárias da cidade*, 7 dias, 6 noites, pp. 33 -34.

15 In *Girão*, nº1, Vol. II, Câmara Municipal de Câmara de Lobos, 1º semestre 2005, pp. 29-32.

Permitimo-nos sublinhar algumas notas retiradas deste edital: a preocupação com a saúde destes rapazes – muito esforço e pouco alimento podiam significar tuberculose -, com a sua escolarização – o requerimento tinha de ser *escrito pelo próprio* – com a sua segurança, a confirmação da capacidade de nadar bem, firmada por um cabo do mar. Por outro lado, a capitania manifestava alguma atenção com a forma como estes rapazes se apresentavam. Veja-se a clareza na instrução relativa ao equipamento e ao lugar exato onde devia estar o número correspondente à licença. Interessante também a proibição desta prática às mulheres. Dizem, porém, os mais velhos, que havia uma rapariga....

Nesta crónica, percebemos também que estes rapazes tinham outra função: *várias vezes, eram solicitados para mergulhos de inspecção ao fundo dos navios e algumas possíveis reparações de remoção de “cabos de hélices” e outras actividades de assistência subaquática aos vapores que nos visitavam* (CAIRES, 2008: 55-56)

Numa das histórias de *Dona Joana-Rabo-de-Peixe*, o autor / narrador leva-nos pela mão à vida da Zona Velha, aos quotidianos das pessoas que viviam perto do porto, que viviam do porto, que sonhavam com o mar que o porto lhes oferecia:

Os barcos faziam parte da nossa vida. Estabeleciam elos com países distantes e alimentavam os nossos desejos de aventura, ao sabor da imaginação. § Quando fundeavam, nadávamos velozmente, como se fossemos alcançá-los. Quando partiam, fazíamos viagens irreais, através de oceanos inexplorados. § Os mais imponentes eram os vapores do Cabo. Faziam as ligações entre a Inglaterra e a África do Sul. Havia o “Capetown Castle”, o “Pretoria Castle”, os passageiros traziam mais dinheiro do que em sentido contrário. § Mal apontavam ao longe, os pequenos da mergulhança gritavam de alegria. § - O vapor do Cabo está chegando! Vem de cima! § Entusiasmados, corriam para as canoas e remavam com todas as forças. Quando chegavam ao pé dos barcos, esticavam as cabeças e gritavam: § - Please, mony! § Surpresos, os passageiros atiravam-lhes moedas. Os pequenos desapareciam nas profundezas do mar e ressurgiam à superfície com as moedas nas mãos. Apanhavam cinco ou seis ao mesmo tempo. Por vezes, disputavam entre si o mesmo Penny. § Os

espectadores rompiam em aplausos. Os “artistas” sentiam-se orgulhosos e procuravam fazer números diferentes. Alguns deles, como o Búzio e o Zarolho, subiam a bordo e lançavam-se das amuradas para o mar. § Quando o sol brilhava e as águas ficavam mais transparentes, assistia-se a magníficas espectáculos de acrobacia. Autênticos bailados subaquáticos. Coisas de filmes! § Os pequenos eram verdadeiros heróis, de formas atléticas e movimentos elegantes, mergulhavam nas águas gélidas e exibiam as suas habilidades vezes sem conta, para ganhar o pão de cada dia.

(ABREU, 1996: 80-81)

A nossa opção pela transcrição deste excerto sem supressões justifica-se pela carga emocional que transporta. Em primeiro lugar, o sujeito de primeira pessoa, “nós”, evoca um envolvimento que sabemos real, numa espécie de escrita da memória. Sentimos a respiração do narrador, ao ritmo das lembranças. Sentimos a tensão entre a memória afetiva e o conhecimento objetivo destas realidades, narradas em discurso direto. Este excerto resume, do nosso ponto de vista, o espetáculo que recebia os passageiros no porto do Funchal. Diz-nos o autor que eram *Coisas de filmes*. Atente-se ao campo lexical de *espetáculo* que o autor semeia neste trecho onde não faltam espetadores, aplausos, artistas, números, acrobacias, bailados. Atente-se, também, a outra coisa: mergulhar para apanhar a moeda significa ganhar *o pão de cada dia*.

Outros autores terão naturalmente escrito sobre as atividades dos *marítimos*. [Ainda hoje, na gíria dos homens do mar que ainda povoam as mesas do Campo Almirante Reis, os *marítimos* são, entre outros profissionais, os bomboteiros, os moços (os remadores das canoas) e os rapazes da mergulhança]. Considerámo-las atividades sócio-poéticas porque aliam a necessidade ao prazer, a sobrevivência ao sonho. O mar, os barcos, os *ingleses* são portas para as extensões do mundo desta cidade, abertura para as universalidades da gente que mora na margem do calhau.

A literatura portuguesa regista esta ligação com o mar. A cidade acende-se com a chegada dos navios. O porto e as condições que oferece são assim fundamentais para que esta ligação se opere e não se cortem os laços que a aproximação e a beleza do que se adivinha vai criando.

NA ESCRITA DOS VIAJANTES ESTRANGEIROS

Fomos também em busca de como e se os viajantes estrangeiros retrataram estas atividades. Sabendo que os britânicos foram os que em maior número aportaram no Funchal, não nos espanta de que a primeira referência ao bombote tenha sido, pois, de Harcourt que, assim que chega à baía da capital madeirense, em 1851, descreve que

... the vessel is surrounded by innumerable boats, painted green, white, blue, and yellow and manned by mahogany-coloured boatmen, jabbering very inharmonious Portuguese, one louder than the other.

(HARCOURT, 1851:3)

Três anos mais tarde, Lady Wortley, na sua passagem pelo Funchal, regista igualmente este movimento de pequenas canoas em volta do barco e o seu olhar derrama-se com algum vagar na descrição deste espectáculo.

Pretty enough are these Madeira boats, which are seen skimming about around us; they have lofty, pointed sterns and brilliantly painted bows, a vast eye looking out of each

(WORTLEY, 1854: 218)

Em 1882, Dennis Emblenton registou também nas páginas do seu *travelogue* que *... other boats followed with fruit, vegetables, wicker chairs, broad straw hats etc.* EMBLENTON, 1882: 7)

Este seu olhar contrasta com o de Lady Brassey, que em 1883, fala do incómodo que estes vendedores causam quando “invadem” o deck e dificultam a passagem dos passageiros:

The sellers of every kind of Madeira produce also flocked on board, and quickly made the decks almost impassable .

(BRASSEY, 1883: 24)

Já no século XX, mais concretamente em 1900, Biddle regista igualmente este movimento de pequenos barcos e vendas que se faz sempre que um navio chega à cidade, anotando essencialmente a venda dos produtos locais:

For the vessel has been surrounded by small

crafts, in many of which natives have come with various wares to sell to the passengers. Embroidery, basket work, and other products of native industry are offered, and tropical fruits and flowers are displayed in rich profusion.

(BIDDLE, 1900:106)

De igual modo, os visitantes estrangeiros que aportaram nas ilhas Canárias, passaram para o papel as suas impressões sobre estes vendilhões. E há algumas semelhanças. Lemus, no seu estudo relativo aos viajantes vitorianos, inclui algumas descrições que referem umas barcas que se aproximavam do navio, oferecendo o serviço de transporte para a praia – uma espécie de *táxis flotantes*. Em troca, vendiam cigarros. No Funchal, o transporte dos passageiros não era efetuado por estes homens, de acordo com os registos que analisámos.

George Glass, aquando da sua passagem pelo arquipélago espanhol atenta igualmente neste detalhe, explicando no seu relato de viagem que

... las grandes barcas cargan alli vinos y los llevan a los barcos en la ruta más afuera. Cada una de estas barcas llevan generalmente consigo quince o veinte marineros, que suben los vinos a bordo, y los estiban com assombrosa rapidez y destreza, incluso cuando un barco se balancea de borda a bordo. ...

(LEMUS, 1995: 224)

Mais tarde, Alfred Brown, autor de um guia sobre a Madeira e as Canárias, oferece ao leitor informações úteis para a viagem e para a estada nos arquipélagos e aborda também esta questão das vendas ambulantes, apontando para a particularidade de existirem uns barcos que transportam homens cujo objetivo era aliciar os visitantes a visitar as lojas da capital espanhola:

... la extorsión se siguió practicando entre los que ofrecían servicios callejeros. Eran los cicerones. En efecto, al socaire de los comerciantes, empezó a surgir una turba de cicerones que esperaban en los muelles la llegada de los barcos de escala o turistas y se ofrecían acompañarlas a las tiendas.

(LEMUS, 1995: 224)

No que diz respeito à mergulhança, poucos foram os visitantes estrangeiros que registaram as suas

impressões. Os perigos e a falta de infraestruturas eram motivo de perplexidade e talvez por isso, tenham ocupado, em larga escala, as páginas dos relatos de viagens dos forasteiros.

A primeira referência à mergulhança data de 1853-54 e encontramos-a no *Journal of a visit to Madeira and Portugal* de Isabella de França¹⁶. A esposa do morgado José Henriques de França, na visita que fez à Calheta, local onde o marido possuía vastas propriedades, deixou-se encantar não só pela paisagem rural da ilha como pelo transporte das mercadorias e pessoas que era feito em escaleres com muitos remadores.

Depois da visita à casa, Isabella e José regressaram à praia onde o barco estava a postos para os transportar de novo para o Funchal. Além de ter notado que os homens se apresentavam quase nus, registou também que,

Aqueles vinte homens acobreados colocaram-se de uma e outra banda do escaler e, a um sinal dado, empurram-no com toda a força para o mar, gritando, patinhando, impelindo-se uns aos outros, com berros e gestos tremendos, até que nos vimos a flutuar sobre as ondas. Atiram-se eles à água e nadaram atrás de nós, às vezes agarravam-se à amurada e logo mergulhavam outra vez, esbracejando, a pedir, com gestos e exclamações, novas moedas.

(FRANÇA: 1970: 125)

Parece assim haver fortes indícios de que este hábito de mergulhar para apanhar uma moeda se estendia para além do porto do Funchal e se fazia igualmente em outras freguesias da Madeira.

Alguns anos mais tarde, em 1882, Dennis Emblenton escreve que

... Boats with half naked bronze skinned boys, whose game it was to dive after any silver coin thrown into the sea, and to catch it before it could get near the bottom, lastly passenger boats manned by active fellows to carry visitors and baggage to shore.

(EMBLENTON, 1882:7)

É visível aqui a diversidade e a quantidade de canoas que se concentrava à volta do recém-chega-

do navio, já que, e tal como descreve o autor, havia canoas que transportam os miúdos que executavam mergulhos, a troca de uma moeda; havia outras que transportavam os passageiros e ainda outras que serviam para carregar as malas.

Alguns anos mais tarde, será Lady Brassey que se detém a olhar para estes miúdos que mergulham com destreza e que surpreendem os passageiros dos navios, surgindo do fundo das águas do mar, ora de um lado, ora do outro. A britânica ficou deveras impressionada com esta mestria de *anfíbios* e regista, com entusiasmo, no seu diário de viagem, estes momentos inesquecíveis:

The natives seem almost amphibious in their habits, and the yacht is surrounded all day by boats full of small boys, who will dive to any depth for sixpence, a dozen of them spluttering and fighting for the coin in the water at the same tune. They will go on one side of the yacht too, and bob up on the other, almost before you have time to run across the deck to witness their reappearance.

(BRASSEY, 1896: 15)

Apesar de algumas particularidades, foi possível verificar que também os visitantes estrangeiros, que passaram tanto pelos portos do arquipélago português, como pelos portos dos arquipélagos espanhóis, deixaram-se levar pelo movimento em torno do porto, dando conta do teatro que se organizava, de cada vez que chegava um navio. Apesar dos registos terem sido manifestamente escassos, foi, todavia, possível entender como é que o bombote e a mergulhança foram registados e qual o impacto destas atividades enquanto registo sociológico/etnográfico, essencialmente durante a época oitocentista. Foi ainda possível comparar o olhar/registo que os forasteiros fizeram das ditas atividades nos dois arquipélagos, tendo-se consequentemente verificado que, quer o bombote, quer a mergulhança se praticavam nos portos dos dois arquipélagos e em condições muito semelhantes.

Ao contrário do que aconteceu com os autores portugueses, cuja visão se alargou para um registo mais poético e até mesmo intimista, o mesmo não sucedeu com os autores estrangeiros, cuja maior preocupação foi registar o momento, tal como uma fotografia – apenas *para mais tarde recordar* e qua-

¹⁶ Consultámos a edição portuguesa datada de 1970 e publicada pela Junta Geral do Distrito Autónomo do Funchal.

se sempre imbuídos do espírito de colher e recolher tudo o que de estranho se passava à sua volta, *just for fun*. Nem sempre manifestavam preocupação de descrever e/ou entender estas realidades, já que, muito frequentemente, este encontro com o *outro* se limitava a acentuar a supremacia do forasteiro em relação às gentes locais, num processo estudado pelos teóricos que têm vindo a observar os fenómenos colonialistas e imperialistas, tal como Eduard Said.

NOS TESTEMUNHOS

No âmbito do Projeto Memória das Gentes que fazem a História, encontrámo-nos com bomboteiros e antigos rapazes da Mergulhança que, na primeira pessoa, falaram da vida que se desenrolava à volta dos navios que vinham de fora. Por eles, soubemos da dureza da vida, da necessidade de arriscar, das formas de ludibriar os guardas, das licenças e da falta delas, dos tempos de ir ao mar.

As Histórias que nos trouxeram, porém, foram filtradas pelo tempo, reconfiguradas pela mente que a idade cansou. Entre palavras e silêncios, contam histórias de vida que começam do princípio: *Sou bamboteiro, porque o meu pai já era bamboteiro*. Como se isso de ir a bordo fosse um testemunho passado de pais para filhos. Luis da Mota tem 84 anos, ainda usa uma barreta preta das antigas e ainda vai ao mar [em terra]. Na sua licença, consta a profissão: vendedor ambulante (marítimo) que ainda hoje exerce.

Começou por trabalhar na bagagem, miúdo ainda, e tomou o lugar do pai, com o irmão, quando este morreu, a bordo do vapor do Cabo. Estava a fazer negócio, deu-lhe um ataque.

Tal como Luis da Mota, os outros entrevistados moravam na zona ribeirinha: rua de Santa Maria, Almirante Reis, Corpo Santo. Eram todos dali, do Calhau.

Das conversas que mantivemos, com ele, com o Jana, com o Augusto António, com o Duílio, deixamos algumas notas. À notícia de barcos a chegar, os homens dirigiam-se para o mar. Os jornais informavam quando chegavam os navios e a palavra passava, de tal forma que, em toda a extensão da baía, isto é *entre o Forte de Santiago e o cais do Henrique Figueira*, se distribuíam dezenas de canoas – as da bagagem, as dos bomboteiros, as da mergulhança. De acordo

com os testemunhos, a “campanha” ou “companha” era constituída por quatro ou cinco homens, no caso do bombote e, nas canoas da mergulhança, por três: o remador, o que apoiava o mergulhador, o lançava ao mar e o ajudava, depois, a subir ao barco.

Eram licenciados pela Capitania do Funchal e eram obrigados a trazer consigo o número da sua licença que, no caso dos bomboteiros, era uma placa de metal que coziavam à barreta. Iam ao mar, sempre. Mesmo que o mar não estivesse bom. Mesmo que os navios chegassem de noite.

O negócio, segundo eles, consistia na venda de artefactos – bordados, obras de vime, miniaturas de barcos, de barris, bonecas, entre outros produtos da ilha. Alguns falam em flores e frutos que seguiam, numa primeira fase, dentro das canoas e que, depois, com a possibilidade de desembarque no cais, depois das obras, se deslocaram para ali.

Os bomboteiros iam às Casas de Bordados buscar mercadoria para vender nos navios. Traziam as peças à consignação, com um preço previamente combinado. Tudo o que ganhavam para além disso, era lucro. Estes homens do mar eram, na sua maioria, analfabetos. Conheciam, porém, os números. E era assim: preso com um alfinete, à toalha, por exemplo, estava um código deles. Imaginemos: 7856430120 – isto significava que tinham de entregar à casa 120\$00. Ora, o preço que pediam aos “ingleses” era 300\$00 e iam regateando. Tudo o que ultrapassasse os 120\$00 era para eles.

Luis Mota diz que *vendíamos os bordados que as nossas mulheres faziam em casa*. Efetivamente. Não obstante a ilegalidade do processo. Para ir para bordo, as peças tinham de ser certificadas pelo Grémio dos Bordados¹⁷. O J., *jeitoso de mãos*, que possuía *um selo igual ao do Grémio*, mandava os miúdos da rua – rapazes sempre diferentes para que o empregado não desconfiasse – comprar as linhas numa loja da Rua dos Tanoeiros. Desta forma, falsificando os selos, misturavam os bordados do Grémio com os que as mulheres faziam em casa e escapavam do imposto, ganhando, deste modo, um pouco mais. Os primeiros a serem vendidos eram os de casa.

Na verdade, em muitas casas da Zona Velha, se fabricava bordados (tinham os seus desenhos, iguais

17 Hoje, Instituto do Bordado e do Vinho da Madeira.

ao da fábrica, compravam o linho, as linhas, estampavam, lavavam, recortavam).

De acordo com a descrição de alguns, os bomboteiros ficavam na canoa à espera que alguém aparecesse no convés. *Lançavam*, então, voz [e isto significava, na gíria, gritar para chamar a atenção de tripulantes e passageiros] e mostravam o que tinham para venda. Caso alguém de bordo manifestasse interesse, combinavam o preço, atiravam a mercadoria dentro de um cesto, preso por uma corda. Muitas vezes, ia o produto e o cesto vinha vazio, sem o dinheiro acordado. Outras vezes – e esta memória é de Duílio Lomelino – o Anão – ás da mergulhança que, de tão espetacular subia, muitas vezes a bordo – era ele que “salvava” o bomboteiro e não deixava escapar o comprador.

Alguns comandantes permitiam que o bomboteiro – muitas vezes, o Mergulhança – fosse a bordo. Faziam do convés a sua feira. Estendiam a mercadoria no chão ou num estendal que improvisavam e expunham os seus produtos.

Na canoa, ficava o remador, conhecido também por “moço”. Se os barcos ficavam na baía, durante todo o dia, ia a casa do bomboteiro buscar-lhe o almoço que, dentro de uma cesta, era içado para dentro do navio.

No regresso, as canoas eram, muitas vezes, revistadas, de forma a perceber se traziam ou não contrabando. E, muitas vezes, vinha: eram cigarros, salsichas, leite condensado, marmelada.... tesouros que faziam a festa em casas onde se comia, geralmente, milho com café. Estas “trocas” – bolos de mel, vinho, frutas por Wisky, salsichas, leite condensado, marmelada – são raramente assumidas por eles como contrabando.

Cada campanha tinha uma *loja*, um armazém onde guardava a mercadoria, situada nas imediações do calhau.

Jana, há 55 anos, mergulhador, hoje, bomboteiro, conta que mergulhavam de dia e de noite – *a moeda era uma estrela* que caía no mar e brilhava na escuridão da água. Com um olhar perdido no passado e outro na banca que o filho – bomboteiro aos domingos – monta na Pontinha, Jana conta que devia ter uns nove anos quando começou a mergulhar; que, muitas vezes, fugiam para não mergulhar,

sobretudo nos dias mais frios; que as moedas que resgatavam do mar dava para comer, apesar de os maiores ficarem com as *brancas e os pequenos com as pretas*, que havia três casas de câmbio que lhes trocavam o dinheiro; que, às vezes quando iam a bordo dos vapores da União Fabril, que traziam carga, traziam açúcar – *cada saca tinha 5Kg; custava 5\$00. Se trouxessem uma saca inteira tinham de pagar ao guarda fiscal, se não....*

Duílio Lomelino, Anão – nome de guerra – conta como alugavam as canoas, como subia aos navios para dar mergulhos, a pedido dos passageiros. Guardavam as moedas na bainha dos fatos de banho que era de *ganga da reles e que enrolavam*. Outras vezes, guardavam-nas entre os dedos dos pés, estratagemas que todos usavam, de forma a ludibriarem os turistas.

Os outros meninos, os que a sorte e a vida não obrigaram a ir para o mar, olham para eles com a admiração com que olham os heróis. Também eles “brincam” à Mergulhança, atirando cargas ao mar e mergulhando das rochas. Como os outros, o Anão, o Parafuso, o Testas e outros que a memória apagou.

Fazemos nossa a observação de Lília da Fonseca que Maria Mendonça registou:

Vi um garotinho atirar-se da amurada do navio para apanhar nas águas do mar a moeda que lhe jogaram (...) Aquilo pareceu-me então uma aventura de raro sabor e encanto, cheia de pitoresco; hoje (...) interrogo a vida

(Mendonça, 1985).

A poesia dos marítimos acabou com as obras do porto. Os navios deixaram de ficar ao largo e os barquinhos dos bomboteiros deixaram de povoar o mar. Os miúdos da mergulhança envelheceram e deixaram de ser “artistas” a reclamar aplausos junto dos turistas. Os navios, agora, acostam em terra e já não há necessidade de atravessar a *fronteira*, no vai-vem das lanchas.

Hoje, os Bomboteiros são vendedores ambulantes e montam a banca no porto. Já não vendem bordados ou cadeiras de vimes que ninguém compra. Os rapazes da mergulhança tornaram-se, eles próprios bomboteiros ou estão à espera de outros barcos, em casa, num lar qualquer, ou matando saudades do mar, num jogo de cartas no Campo Almirante Reis.

BIBLIOGRAFIA:

- AAVV, *Girão*, nº1, Vol. II, Câmara Municipal de Câmara de Lobos, 1º semestre 2005.
- AAVV, sel. MOUTINHO, José Viale, 2003, *Saudades da Ilha, Evocações poéticas da Ilha da Madeira*.
- AAVV, coord. SANTOS, Thierry Proença dos, 2008, *Margem 2, Viver (n) o Funchal*, CMF.
- AAVV, 2011, org. de SANTOS, Thierry Proença dos e outros, *Funchal (d) escrito, Ensaio sobre representações literárias da cidade*, 7 dias, 6 noites
- ABREU, João Carlos, 1996, *Dona Joana Rabo de Peixe*, Éter.
- AJAMIL, Fernando de Ory, *Ciencia y diplomacia hispano-Alemana en Canarias (1907-1916) El origen del Observatorio Meteorológico de Izanã*
- BAPTISTA, José Agostinho, 2000, *Biografia*, Assírio & Alvim.
- BARROW, John, 1806, *A voyage to Cochichina in the years 1792 and 1793*, London, T.Cadell and W. Davies
- BEIRA, Visconde de Ervedal da, 1894, *Narrativas Insulanas*, Modesto e Companhia.
- BENJAMIN, S.G.W., 1870, *The Atlantic Islands as Resort of Health and Pleasure*, London
- BRASSEY, Lady, 1879, *A voyage in the Sunbeam: our home for eleven months*, London
- BROWN, A. Samler, 1932, *Brown's Madeira, Canary Islands and Azores*, a practical and complete guide for the use of tourists and invalids with 22 coloured maps and plans and numerous sectional and other diagrams 14th and Revised Edition, London, Simpkins, Marshall, Ltd.
- BROWN, Gordon, 1951, *Madeira a concise guide for the visitor*, plates, map and plans and suggestions for those spending three hours ashore, England, The Union-Castle mail steamship company, Limited
- BRUNER, Jerome, 1986, *Life as Narrative*, Social Research 54/1
- CAIRES, Victor, 2008, *Crónicas da Beira-Mar*, Funchal 500 Anos.
- CASTILLO, Juan Francisco Martín del, 1998, *Evolución Tecnológica Y Desarrollo Portuário*, Castillo, Las Palmas de Gran Canaria
- CASTRO, Ferreira, 1977, *Eternidade*, 13ª edição, Lisboa.
- CÉSAR, Oldemiro, 1944, *Terras de Maravilha (os Açores e a Madeira: notas de duas viagens de estudo)*, Lisboa.
- COOPER, William White, 1840, *The Invalid's Guide to Madeira with a description of Teneriffe, Lisbon, Cintra, Mafra etc*, Londres, Smith, Elder and Co.
- FINO, Carlos, 1986, *XXIII poemas de ilha mar*, DRAC.
- FRANÇA, João, 1979, *Mar e Céu por companheiros*, O Século.
- GOUVEIA, Horácio Bento, 1959, *Lágrimas Correndo Mundo*, Coimbra editora.
- HADFIELD, William, 1854, *Brazil, the River Plate and the Falkland Islands, with the Cape Horn Route to Australia, including notices of Lisbon, Madeira, the Canaries and Cape Verdes*, London
- HARCOUT, Edward William, 1851, *A Sketch of Madeira containing information for the traveller or invalid visitor*, London, John Murray
- HOLMAN, James Sanders, 1840, *Travels in Madeira, Sierra Leone, Teneriffe, St Jago, Cape Coast, Fernando Po, Princess Island*, London
- KEITH, George Mouat Keith, 1819, *A voyage to South America and the Cape of Good Hope*, London, Printed for the Author
- KERHALET, Phillipe, 1880, *Madère, Les Isles Salvages et les Isles Canaries*, Paris
- KOEBEL, W. H., 1909, *Madeira Old and New*, London, Francis Griffiths
- LAMAS, Maria, 1956, *Arquipélago da Madeira – Maravilha Atlântica*, Eco do Funchal.
- LEMUS, Nicolás Gonzáles, 1995, *Las Islas de la ilusión, Británicos en Tenerife*, Las Palmas de Gran Canaria
- LEMUS, Nicolás Gonzáles, 1998, *Viajeiros Victorianos en Canarias, Imágenes de la sociedade isleña en la prosa de viaje*, Las Palmas de Gran Canaria
- MANTEGAZZA, Paolo, 2010, *Um dia na Madeira*, Tradução de Laura Moniz, Sopa de Letras
- MASCART, Jean, 2003, *Impresiones y observaciones de un Viaje a Tenerife*, C.C.P.C.
- MENDONÇA, Maria, 1985, *A ilha da Madeira vista por intelectuais e artistas portuguesas*, Funchal, Eco do Funchal.
- NASCIMENTO, João Cabral, 1949, *Lugares selectos de Autores que escreveram sobre a Madeira*, Funchal.
- NAVARRO, 1985, *Pequeña Historia del Puerto de Refugio de La Luz*, Las Palmas de Gran Canaria
- NEPOMUCENO, Rui Firmino, 2008, *A Madeira vista por escritores portugueses (séculos XIX e XX)*, Funchal, Funchal 500 anos C.M.F.
- PENNYCOCK, Alastair, 2102, *Language and mobility, Unexpected Places*, United Kingdom
- PIQUE, Alfredo Herrera, *Las Islas Canarias, escala científica en el Atlantico*
- SILVA, 2008, *Passaram pela Madeira*, Antonio Marques da Silva, Funchal 500 anos
- SIMÕES, Jorge Sumares Alvaro, SILVA, Iolanda, 2002, *Transportes na Madeira*, S2002, DRAC, Funchal
- SPIX, John Baptiste von, MARTIUS, Philippe von, *Travels in Brazil in the years 1817-1820 undertaken by command of his Majesty the King of Bavaria*, London, Longman, Hurst, Rees, Orme, Brown and Green
- STAUNTON, Sir George, 1797, *An Authentic Account of an Embassy from the King of Great Britain to the Em-*

peror of China, vol I, London, W. Bulmer and Co.

ROUTLEDGE, Katherine, 2005, *The Mistery of Easter Island*, Cosimo Classics, New York

SOUSA, Luis, 1950, *Dizeres da Ilha da Madeira*, Casa Figueira.

SOUSA, João José Abreu de, 1989, *O movimento do porto do Funchal e a conjuntura da Madeira de 1727 a 1810, alguns aspectos*, Sousa, Funchal

VIEIRA, Alberto, *História da Cidade do Funchal, A Economia de uma Cidade Portuária*. Disponível em: <http://www.docstoc.com/docs/40054224/Histria-da-Cidade-do-Funchal-Economia-de-uma-Cidade-Porturia>. Consulta em: 5/11/2012; 4/02/2013.

VIEIRA, Alberto, 2012, A Madeira e o Contrabando no Espaço Atlântico, *Anuário 2012*, Centro de Estudos de História do Atlântico ISSN: 1647-3949, Funchal, Madeira (2012), pp. 9 – 65. Disponível em: https://www.dropbox.com/s/tqrnfp4h1ggiwau/2012_aceha_vieira_1.pdf. Consulta em: 30/01/2013.

Outros:

Cambulloneros, Disponível em:

<http://caco-lasandunga.blogspot.pt/2010/04/cambulloneros.html>. Consulta em: 18/10/2012.

Cambullon, Disponível em: <http://www.revistatara.com/> Consulta em: 18/10/2012.